

EUA apóiam a troca da dívida por investimento

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Secretário-Adjunto do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, revelou ontem que o governo americano vem incentivando os bancos privados a transformar a dívida externa do Brasil e de outros países, em investimentos dentro do próprio País.

A transformação da dívida em investimento já se tornou, na prática, na nova bandeira do maior credor privado do Brasil — o Citicorp. Seu Presidente, John Reed, em entrevista ao "Wall Street Journal", afirmou ontem que essa é, de fato, a melhor opção. Segundo ele, o Brasil também seria beneficiado com esse tipo de solução.

— Tenho a impressão de que ainda não encararam a situação do seguinte ponto de vista: se você tem um

investimento num país, produzindo renda para esse país, ele está sujeito a impostos. Um empréstimo, por si só, não produz qualquer imposto para o Brasil: ele produz impostos para o Tio Sam, mas não para o Brasil. Assim, se transformamos uma parte da dívida em investimentos no país, isso não só provocará uma atividade econômica, como melhorará o **port-folio** do investidor e também produzirá rendas para o Governo local — disse John Reed.

O Subsecretário do Tesouro, David Mulford, concordou com esse raciocínio, e afirmou que essa é, para a administração Reagan, uma das principais soluções para o problema da dívida externa.

O embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, endossou essa opinião ontem à noite. Ele disse ao GLOBO que depois que os bancos se colocaram numa posição mais sólida, abre-se ago-

ra o caminho para uma renegociação com opções mais amplas:

— A renegociação, agora, poderá envolver formas mais inovadoras. Além da capitalização de parte dos juros, pode-se cogitar também da emissão de instrumentos — bônus, notas com taxas flutuantes ou fixas — que reintroduziriam a dívida no mercado financeiro, só que num mercado mais sofisticado — disse Moreira

Sua opinião coincide com a de John Reed:

— Nós já temos uma pequena experiência na Bolsa de Valores de São Paulo. Nós entramos nisso para sentir como seria administrar esse tipo de investimento que temos em vista para o Brasil. Estamos associados a uma companhia brasileira que administra fundos profissionalmente. E, portanto, já temos um certo conhecimento do mercado — contou Reed.